

# O CONCEITO JINGUIANO DA TOTALIDADE COMO ANÁLISE SIMBÓLICA DA PROPOSIÇÃO TRINITÁRIA “CRISTO HOMEM-DEUS”

## *THE JUNGIAN CONCEPT OF TOTALITY AS SYMBOLIC ANALYSIS OF PROPOSITION TRINITARIAN "CHRIST MAN-GOD"*

Dilson Brito da Rocha<sup>1</sup>  
Katia Simone Villanova<sup>2</sup>

**Resumo:** Com este artigo pretendemos mostrar que a segunda Pessoa da Santíssima Trindade assumiu o humano, o que é um ato *kenótico*, de onde se pode presumir que Deus se rebaixa até os homens, anulando-se naquilo que Ele tem de “inacessibilidade”, dado sua imensidão. O mistério é grandíssimo e imensurável, o que nos impede de tocá-lo em sua completude. Disso inquirir-se-á acerca dos pares de opostos em Jesus Cristo, ou se quisermos, a presença de pólos em sua Pessoa, que é divina. Este argumento é posto pela Doutrina da Trindade como sendo “União das Naturezas Humana e Divina, numa só Hipóstase”. Jesus Cristo gradativamente, na maturação de vida, o que queremos entender como sendo processo de individuação, se dá conta de sua “divindade-totalidade”, ou se preferirmos, daquele patamar *numinoso*. Paulatinamente toma consciência messiânica. “E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2, 40). Jung denomina o resultado da união dos opostos de função transcendente. Isso impõe uma indagação imprescindível, a saber: é possível comparar tal função com alguns “eventos cristológicos”, como a “Transfiguração do Senhor” (Cf. Mc 9,12-8), bem como com alguns títulos messiânicos, por exemplo, o Filho de Deus (Cf. Jo 3,18)? Cristo é um parâmetro de individuação, ainda mais quando pensamos na relevância da religiosidade neste itinerário de maturação pessoal, pois ele, como é tido pela Teologia Cristã, é mediador, “ponte”, que liga o ser humano ao divino.

**Palavras-chave:** Totalidade. Individuação. Consciência. Religiosidade.

**Abstract:** With this article we intend to show that the second Person of the Holy Trinity took on humanity, which is a kenotic act, where it can be assumed that God is lowered until the men, nullifying what He is "inaccessible", given its immensity. Well, the mystery is vast and immeasurable, which prevents us from touching it in its completeness. This question will be about the existence of pairs of opposites in Jesus Christ, or if we want, the presence of poles in his Person, who is divine. This argument is put by the Doctrine of the Trinity as "the Union of Natures, Human and Divine, in one hypostasis". Jesus Christ gradually, in the maturation of life, what we understand as being individuation process, that gives an account of his "divinity-totality", or if we prefer, that numinous level. Dessarte, he gradually takes messianic consciousness. "And the child grew and waxed strong in spirit, filled with wisdom; and the grace of God was upon him" (Lk 2, 40). In addition, Carl Gustav Jung called the result of the union of opposites, of transcendent function. This fact imposes an essential inquiry, namely, it is possible to compare this function with some "Christological events", as the "Transfiguration of the Lord", as well as messianic titles applied to Jesus, for example, the Son of God (cf. Jn 3.18)? Anyway, Christ is a parameter of individuation to the human being, even more when we think

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia na UNESP/Marília; Mestre em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma (PUG); Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UniSal); Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia N. Sra. das Vitórias; Docente universitário nas Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) e nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). E-mail: dilsondarocha@hotmail.com

<sup>2</sup> Bacharel e Licenciada em Psicologia pela Universidade Sagrado Coração (USC); Especialista em Psicologia Analítica pela PUC/SP e psicóloga clínica. E-mail: ksvillanova@hotmail.com

of the relevance of religiosity in this itinerary of personal maturation, because He, as is taken by Christian theology, mediator, is a "bridge" that connects the human to the divine.

**Keywords:** Totality; individuation; awareness; religiosity.

## 1. Preâmbulo

Neste ensaio investigaremos questões simbólicas e de linguagem cristológica e aquela peculiar ao psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), por entender ser possível a analogia. Para tanto, faz-se oportuno delinear metodologicamente que, ao tomarmos contato com o texto, precisamos, preliminarmente, diferenciar a linguagem própria de cada área do saber, digo, da teologia e da psicologia. Sobre a peculiaridade daquela, o que faremos é uma investigação especificamente acerca da *hipóstase*, considerando a história e a interpretação doutrinária e pastoral. Ou seja, teremos um corte propriamente sistemático, mas que considere alguns aspectos da teologia prática. Já no que tange à psicologia, e neste caso a analítica conjugada com a psicologia da religião, a tomaremos naquilo que ela contribui acerca dos símbolos religiosos, a fim de levar a cabo nosso intento com esta pesquisa<sup>3</sup>. Evidentemente, se dará uma justa interação entre estes dois campos de conhecimento, ressaltando suas particularidades, sem, contudo, sobrepor uma a outra.

Quem uniu os pares opostos em Jesus Cristo, o humano ou o divino, ou ainda as duas naturezas interagindo, em comunhão uma com a outra? É legítimo empregar, como nos ajuda a entender Dell'Osso, a expressão latino-conciliar "*Comunicatio Idiomatum*"<sup>4</sup> na união? Em Jesus se nota a busca da realização da personalidade, que culmina na totalidade. Parte da missão jesusânica se constitui em unir os opostos, a iniciar pelas duas naturezas humana e divina numa só Pessoa. Como isso se deu e como Jesus Cristo foi assimilando esta realidade, será o objeto de estudo.

---

<sup>3</sup> Para uma melhor compreensão da linguagem Junguiana acerca do "problema religioso" cf. GIUNCHEDI, 1981, p. 250-252.

<sup>4</sup> Tal expressão significa a "Comunicação das Propriedades" dado em Jesus Cristo, ou seja, com ela se quer sustentar a interação entre as duas naturezas, a humanidade e a divindade inerentes à sua essência. Isso reza a unidade Nele. Assim, aqueles atributos humanos (por exemplo, quando Jesus se alimenta) e aqueles divinos (por exemplo, a Transfiguração), bem como suas experiências, podem ser designados para o outro. Ou seja, as propriedades se comunicam. Então, quando Jesus se alimenta (a propriedade humana em evidência), também a divina está presente, e quando acontece a Transfiguração (a propriedade divina em evidência), também a humana está presente. Tais termos já eram presentes em Inácio de Antioquia, mas consolidados de fato nos Concílios de Éfeso (431) e Calcedônia (451). Sobre este assunto Cf. DELL'OSSO, 2012, p. 355-363, quando ele vai falar da União Hipostática das duas distintas Naturezas de Cristo.

Cristo viveu a individuação como processo central em seu desenvolvimento, evoluiu de um estado infantil de identificação a um estado de diferenciação, a ampliação da consciência e de seu “potencial criativo”. O Messias, aguerrido que foi, não viveu recluso numa “individuação reprimida”. Como vemos em Dupuis, Jesus enfrentou e confrontou o caos, necessário na vida, para se libertar cada vez mais e chegar até a sua Hora, a Glória, sua Glorificação (DUPUIS, 2004, p. 52). Pois bem, Ele ressuscitou, como atesta Paulo de Tarso (cf. 2 Tm, 2,8). Cristo dispensou os títulos oriundos do status social e a dependência da deliberação alheia, saindo assim do coletivo. Ele não incorreu em qualquer tipo de padronização, não obstante vivesse inserido no meio social ao qual pertencia. A individuação não nega o ser político, a participação na Pólis, antes, prova o viver de forma totalizada. O fato de Jesus ser membro ativo em sua comunidade, o que está posto nos Evangelhos, lhe propiciou percorrer os passos necessários para a individuação, o desenvolvimento das quatro funções: sensação, pensamento, intuição e sentimento. Mesmo sendo considerado Deus o fez, o que demonstra sua *Kenosis*, o “abaixamento de Deus” no meio dos humanos.

Jesus Cristo percorreu incansavelmente o *telos* do desenvolvimento da psique, a totalidade, o *Self*. Ele não se contentou com as respostas que o mundo lhe dava, mas as buscava ele mesmo, unido e ancorado no Pai e no Espírito Santo. O que Jung chama de *numinoso*, escopo a ser buscado, Cristo o procurou constantemente, não se deixando contaminar pelo inconsciente coletivo. Em suma, neste ensaio confluiremos o conceito junguiano da totalidade com a União Hipostática, sob um olhar simbólico, salvaguardando, porém, suas peculiaridades.

## **2. Convergência da totalidade no enunciado Cristo Homem-Deus**

Com a totalidade Jung especula acerca da realização total do ser humano, englobando todas suas dimensões. Franz menciona que o psiquiatra exorta a não viver na unilateralidade, mas na plenitude da vida, explorando o que dela se pode extrair (FRANZ, 1997, p. 101). Na prática jesuânica se pode notar a maturação. “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lc 2,52). Jesus não sabia desde sempre que era divino, mas vai tomando consciência gradativamente, pois estava inserido em um contexto em que as pessoas esperavam o Messias e onde muitos se intitulavam como tal. Mas o Homem de Nazaré tinha algo a mais, não era um cidadão comum, bastava vê-lo falando com os doutores, na chamada

“Disputa”, em sua infância (cf. Lc 2, 42-51), e se notava que ele tinha um diferencial peculiarmente messiânico, deixando todos admirados.

O ser humano cresce na vivência das experiências, fazendo sempre o confronto de sua vida com a realidade em que está inserido. O consciente e o inconsciente têm papéis importantes nesta realização. Não se pode dar atenção a uma em detrimento da outra, mas tratá-las com o devido zelo. “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo que nele repousa, aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir, a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade” (JUNG, 2006, p. 19). Byington pondera que para chegar à totalidade o ser humano não pode prescindir daquele confronto entre o consciente e o inconsciente, onde um auxilia o outro, corroborando o processo de individuação que todos são convocados a realizar, senão se está condenado a incorrer na não realização.

O consciente e o inconsciente não constituem um todo, quando um deles é suprimido ou injuriado pelo outro. Se não de brigar, que ao menos seja um combate leal, com direitos iguais para ambas as partes. Ambos são aspectos da vida. A consciência tem de defender a sua razão e proteger-se, e a vida caótica deve dar-se a oportunidade de também seguir seu caminho – tanto quando pudermos suportar. Isto significa simultaneamente conflito aberto e franca colaboração. Era assim, evidentemente, que a vida humana deveria ser, o velho jogo do martelo e da bigorna: por meio deles, o ferro do paciente é forjado num todo indestrutível, um indivíduo. Eis, em grandes linhas, o que eu entendo por processo de individuação. (BYINGTON, 1987, p. 36).

Para Jung, a alma é a estrutura da psique que faz a mediação entre ego e Self, o arquétipo da totalidade. Sendo um centro organizador e unificador dentro do campo psíquico, o Self ultrapassa a dimensão egoica e, por essa condição, é capaz de orientar o processo de crescimento psicológico, no sentido de poder realizar as potencialidades do ser humano. É o centro regulador de toda a personalidade, consciente e inconsciente. Analogicamente, no ego podemos enxergar Jesus, o homem histórico-concreto, ao passo que no Self vemos o Cristo, o divino, sagrado, unguento, o que é, *grosso modo*, união dos pólos. Não se deve, portanto, separar as duas naturezas, os dois pólos, pelo contrário, se deve fazer o processo de união. Ratzinger nos faz entender que a separação é um equívoco, um absurdo cristológico.

Jesus histórico e o Cristo da fé tornaram-se mais amplo; um se distancia do outro a vista dos olhos. Mas que significado pode ter a fé em Jesus Cristo, em Jesus filho de Deus vivo, se depois o homem

Jesus foi assim, tão diferente de como o apresentam os evangelistas e de como, a partir dos Evangelhos, a Igreja o anuncia?<sup>5</sup> (RATZINGER, 2007, p. 7).

Em si tratando da divindade de Cristo, queremos entendê-la como sendo um dos polos, que aparece, por exemplo, no prólogo (cf. João 1,1), e como atesta a exegese de Kung, remonta a um hino antiguíssimo, hebraico-helenístico, onde o teor central é Deus e o seu Logos, a sua Palavra, a sua sabedoria na criação e na revelação ou autocomunicação (KUNG, 1994, p. 98-99). João assimila a ideia de que o verbo estava com Deus desde o princípio. Assim, Jesus praticou a *Kenosis*, se abandonando de maneira incondicional ao “Deus incompreensível”, o que se pode denominar de “bem aventurada ignorância” (RAHNER, 1978, p. 370). Jesus é consubstancial ao Pai, como vai aparecer no Primeiro Concílio de Nicéia (325) e imerso na história vai entendendo este significado (cf. HAIGHT, 2003, p. 249). Schnackenburg defende que a unidade entre Jesus e o Pai é uma ideia não evidente no Novo Testamento, por isso há uma tensão cristológica, até mesmo na teologia Joanina (SCHNACKENBURG, 1995, p. 411).

A questão aqui, porém, será a simbologia que Jesus representa no tocante ao divino, entendendo o símbolo como sendo o que remete a alguma coisa. Um símbolo é, diz Haight, “aquilo por meio do qual se conhece alguma coisa que dela próprio difere. Um símbolo medeia a percepção de alguma outra coisa” (HAIGHT, 2003, p. 23). Na religião cristã, Cristo é tido como sendo o “símbolo concreto de Deus”, (HAIGHT, 2003, p. 235), sua parábola viva. Admite-se ou associa uma “real presença de Deus a ele e, através dele, ao mundo, da qual é mediador” (HAIGHT, 2003, p. 236). O Jesus histórico é o que pode ser reconstruído pela investigação histórica<sup>6</sup>, aquele homem que viveu e morreu na Palestina do século I, ocupada pelos Romanos. Rubio é enfático quando aborda de tal tema: “O Cristo da fé é aquele anunciado pela igreja depois da Páscoa, o Cristo dos símbolos de fé e das declarações dogmáticas” (RUBIO, 1994, pp.

---

<sup>5</sup> Gesù storico e il Cristo della fede divenne sempre più ampio; l'uno si allontanò dall'altro a vista d'occhio. Ma che significato può avere la fede in Gesù il Cristo, in Gesù Figlio del Dio vivente, se poi l'uomo Gesù era così diverso da come lo presentano gli evangelisti e da come, partendo dai Vangeli, lo annuncia la Chiesa?

<sup>6</sup> Principalmente com o uso do Método Histórico Crítico, existente há 250 anos e que investiga a fundo a Sagrada Escritura, especialmente em suas “contradições”.

11-12). De toda maneira, trata-se de procurar entender as naturezas numa unidade e não fazer uma fragmentação das mesmas,<sup>7</sup> que mais confundiria do que ajudaria.

Há controvérsias no atinente aos polos, às duas naturezas. Alguns aplicam um princípio metodológico, dividido em Cristologia de “baixa ascendente” e “alta descendente”. A primeira parte sempre do Jesus como homem simples de Nazaré, para chegar a entender sua glorificação, ao passo que a segunda faz o caminho inverso, a partir do Cristo Glorioso se poderá assimilar o nazareno. Como nos mostra Loewe, tal caminho não é muito bem visto por alguns “teólogos da retaguarda”, pois se pode, no uso de tal método, no ver destes, cair no patamar único e exclusivamente mitológico-figurativo acerca da divindade de Cristo (LOEWE, 2000, p. 5). Bultmann, por sua vez, assevera que no Evangelho existe um teor mitológico, simbólico, que precisa de uma hermenêutica crítica, capaz de fazer a “demitologização” (cf. BULTMANN, 2000, p. 7).

A partir de Moltmann podemos falar dessa questão como sendo um evento teológico, ou seja, Jesus é tido e crido como Cristo de Deus (MOLTMANN, 1993, p. 69), o que enxergamos como a junção dos pólos, que forma a totalidade, processo peculiarmente “Crístico-jesuânico”, pois só Cristo pode unir as duas naturezas. O símbolo subjacente nesta teologia é real e não simplesmente figurativo, como predicam alguns. Jesus considerou os arquétipos, que representam essencialmente um conteúdo inconsciente, mas que foi se modificando nele por meio da conscientização e percepção, assumindo formas, de acordo com a consciência individual, na qual se manifesta, o que não exclui sua divindade, pois bem, Deus se fez carne (cf. Jo 1,14), habitando e se fazendo acessível no meio da história.

Sanford defende que a União Hipostática para Jung é a união dos pólos, que Cristo fez, figura extremamente numinosa que foi (SANFORD 1987, p. 61). A Sagrada Escritura vai aludir que Jesus não era um embusteiro (cf. Mt 27,63), mas um profeta (cf. Mt 16,14), e que, como explica Ferri, defende a verdade, que é ele mesmo (cf. Jo 14,6), a mesma verdade divina, onde as pessoas deveriam chegar, passando pelo caminho, que também é ele mesmo (FERRI, 2007, p. 20). Os discípulos confessam a fé Nele, dizendo que era verdadeiramente o Cristo, o Messias, o Filho de Deus (cf. Mc 8,27-30), com a missão salvífica. Neste ínterim há inumeráveis heresias que negam tanto a divindade, quanto a humanidade de Jesus Cristo, o que Frangiotti acena, como o Adopcianismo, o

---

<sup>7</sup> Além do Método Histórico Crítico, se deve ter em consideração também outros métodos tão caros, como o Espiritual e o alegórico, usados pelos Padres da Igreja.

Modalismo e muitos dissidentes, mas existem também as defesas dos Concílios, na tentativa de equilibrar, não obstante as anátemas (FRANGIOTTI cf. 1997, p. 9).

Porquanto, o ideal é equilibrar os pólos, as naturezas divina e humana, de modo que uma não deve ser sobreposta, em detrimento da outra. Pois bem, se um pólo é supervalorizado se eiva em equívocos.

### 3. A pertinência da religiosidade e do símbolo no desenvolvimento da personalidade

A psique está estruturada em polaridades. Para que ela alcance a totalidade, o ego precisa reconhecer e reconciliá-las. Isso ocorre com a participação consciente dos símbolos que surgem do inconsciente, unindo opostos<sup>8</sup>. O novo símbolo<sup>9</sup> que surge é que irá realizar o trabalho de reconciliação, pondo a consciência num contato mais profundo com o resto da psique, havendo um contato mais completo com a vida. Em Cristo o símbolo é tão real que é crido como sendo aquele que ele significa, o próprio Deus, antes, ele é Deus mesmo se revelando. O símbolo real é para nós um arquétipo simultaneamente<sup>10</sup>.

O campo simbólico auxilia no desenvolvimento da personalidade. Nas religiões existe uma vasta gama de símbolos, haja vista os cultos e seus ritos imbuídos de significados. O simbólico tem um toque de totalidade, pois une os opostos numa harmonia sem igual. Mas, saindo da esfera do externo e partindo para o âmbito existencial, é possível também notar a proeza totalizante quando o ser humano busca na religiosidade o transcendente, que lhe dá sentido para viver. A realização pessoal se dá na completude interna, que em si sabendo lidar, a religiosidade e a prática religiosa podem ser um veículo facilitador, como o próprio Jung defende: “A necessidade religiosa reclama a totalidade” (JUNG, 1986, p. 112).

Silveira evidencia que a literatura de Jung não deve ser estereotipada de mística da filosofia ocultista, ou como voltada somente aos fenômenos espirituais, o que comumente acusam os cientistas, muito menos de ateia, como a caricaturam alguns ambientes religiosos. Em seus escritos se nota uma luta para que o conceito latino *religare* explique o lugar e o papel imprescindível da religiosidade, fazendo com que o ser humano se complete enquanto pessoa que tem dimensões a ser cultivadas, fazendo seu processo de individuação, o crescimento pessoal (SILVEIRA, 1981, p. 153-166). A dimensão religiosa é saudável quando entendida como sendo ponte, que liga o ser

---

<sup>8</sup> A fim de um melhor entendimento no tangente à questão simbólica, sugerimos a leitura de CUCCI, Giovanni, SJ. Il simbolo in Psicanalisi. Il contributo di Jung. *Civiltà Cattolica* (2011), n. 3875, p. 424-530.

<sup>9</sup> Entendemos símbolo aqui como sendo o que une, o que converge, diferentemente do diabólico que, por sua vez, divide. Jung fundamenta seu trabalho gabaritando-se neste significado, ou seja, no campo simbólico, que também está profundamente presente na Vida Pública de Jesus. As parábolas jesuânicas são carregadas de símbolos e significados, a título de exemplo.

<sup>10</sup> Para melhor entender este assunto cf. GIUNCHEDI, 1981, p. 256.



humano àquela realidade transcendente, infinita, que auxilia o homem a se conectar com o divino.

Jung relutou para não cair no perigo do transcendentalismo, que dispensa a observação e a análise. Para ele a religiosidade não deve ser vivida de maneira reclusa no interior de uma seita, desconectado da vida real, como se os dogmas bastassem para um fiel que, cegamente, aceita sem poder opinar, estudar e entender. “Uma profissão de fé inquestionável, é estabelecido somente quando o objetivo é eliminar para sempre toda e qualquer dúvida. Mas isso já não tem a ver com os julgamentos de natureza científica, e sim com um desejo de poder” (JUNG, 2007, p. 36).

A Psicologia Analítica que o estudioso em questão elabora vai considerar a formação da personalidade de uma maneira holística. O ser humano coxearia se ficasse hermeticamente voltado somente para uma ou outra esfera de sua vida. O desenvolvimento se dá desde o nascimento até o último momento da existência, pois a pessoa não nasce pronta como num *Inatismo*, mas vai se perfazendo no itinerário chamado vida. Silveira tonifica que Jung se serviu do processo alquímico, bem como da mitologia e da história das religiões para compreender a mente numa crescente evolução (SILVEIRA, 1981, p. 19-20), não se limitando a uma só esfera.

Jung buscou compreender Deus deste a tenra idade, interesse oriundo de sua formação protestante, porém não se agarrando aos dogmas de fé, aqueles concluídos neles mesmos, nem tampouco pelo estudo da teologia que seu pai lhe propunha, mas preferia a singeleza teológica de sua mãe na compreensão do divino (SILVEIRA, 1981, p. 10-12). Isso explica seu mergulho profundo nestes campos, quando ele aborda do processo psíquico do inconsciente, salvaguardando a necessária religiosidade. O campo religioso não deve ser olhado com desdém, como se fosse prescindível no amadurecimento pessoal. Tal atitude seria um equívoco agnóstico, que declara o absoluto e as questões metafísicas inacessíveis ao espírito humano, simplesmente por não serem passíveis, no ver do *agnosticismo*, de análise e açambarcamento racionais. Jesus de Nazaré lidou com coisas simples, com a carpintaria (cf. Mc 3,6), com a vida agrícola e, por isso, suas parábolas com este linguajar, como, a semente, o semeador, a cizânia, a vinha, a figueira, o grão de mostarda, entre outras (cf. Evangelhos), não se refugiando na religião afastada do mundo.

Em sua psicologia analítica Jung não quis erigir uma nova religião, mas preferiu reservar um lugar central ao que concerne à problemática religiosa, em linhas gerais, ao fenômeno religioso, sendo, portanto, uma constante em seus estudos. Por isso, sua

defesa do amadurecimento paulatino na fé, buscando viver não preso ao dogmatismo, o que atrapalha o campo científico, mas se baseando na vida simples, empírica também, unindo então, religião e ciência, fator biológico e espiritual, natureza e espírito, pois o ser humano não deve, e ele assim o entendia, se reduzir à pobreza de uma vida unidimensional (EDINGER, 1999, p. 18).

O processo de totalização da personalidade, seu desenvolvimento, vivido como uma progressão é alcançado saudavelmente graças ao contributo religioso e à imagem de Deus (EDINGER, 1999, p. 21). Cristo fez a integração de tendências e funções opostas, que é a autorrealização, cumprindo sua missão terrena e não se deixando vencer pela esfera do medonho, imposta pelas autoridades políticas e religiosas, contemporâneos seus. Decerto, Jung tateia o assunto da religiosidade como fenômeno humano, evidenciando a necessidade do ser humano fazer o processo de individuação, despertando o potencial criativo.

Em síntese, Julien nos faz ver que o dado religioso é necessário para a formação do psiquismo (JULIEN. 2010, p. 25). Jung por sua vez, via a psique humana como sendo de natureza religiosa (JUNG, 2006, p. 56).

#### **4. Jung e sua concepção acerca de Deus**

Jung não toma Deus como um objeto de exame teológico, dominando-o com o uso da razão, mas vai preferir assimilá-lo como uma experiência que todos devem fazer, a fim de avançar no crescimento pessoal.

O conceito de Deus é simplesmente uma função psicológica necessária, de natureza irracional, que absolutamente nada tem a ver com a existência de Deus. O intelecto humano jamais encontrará uma resposta para esta questão. Muito menos pode haver qualquer prova da existência de Deus, o que, aliás, é supérfluo. A ideia de um ser todo poderoso, divino, existe em toda parte. Quando não é consciente, é inconsciente, porque seu fundamento é arquétipo. Há alguma coisa em nossa alma que tem um poder superior [...] Por isso, acho mais sábio reconhecer conscientemente a ideia de Deus. Caso contrário, outra coisa fica em seu lugar, em geral uma coisa sem importância ou uma asneira qualquer – invenções de consciências esclarecidas. (JUNG, 1980, p. 82-83).

Seria infundado, no ver de Jung, discorrer de maneira lógico-racional acerca de um conceito que quisesse significar quem seja Deus. Pelo contrário, para ele se deve experimentá-Lo, confrontando com o si mesmo, o interior de cada um.

O que a humanidade chama “Deus” desde tempos imemoriáveis a gente o experimenta todo dia. Só que lhe damos um outro nome, por assim dizer “racional”, como por exemplo “afeto”. Desde sempre ele foi o psiquicamente mais forte, capaz de lançar para fora dos trilhos nossas intenções conscientes, frustrá-las e as vezes reduzi-las a estilhaços. Por isso, não poucos tem medo de “si mesmos”. (JUNG, 2002, p. 198).

Para o suíço a imagem de Deus auxilia imensuravelmente no desenvolvimento pessoal, no processo de totalização. Portanto, não se trata de afirmar ou negar a existência de Deus como uma verdade absoluta. Urge tratar Deus mais como um referencial que as pessoas têm, e menos como uma questão puramente racionalizada. Trata-se da denominação de Deus no cotidiano e na vivência de cada pessoa, e de maneira mais sentida do que elaborada mentalmente. Deus cabe mais no âmbito da afetividade, da proteção, um ser que se pode ancorar.

Deus não é uma verdade estatística, por isso é tão estúpido querer provar sua existência, quanto negá-la. Quando alguém está feliz, não preciso para isso de nenhuma prova ou contraprova. Também não há razão para presumir que a “felicidade” ou tristeza não podem ser experimentadas. Deus é uma experiência universal que só é obscurecida por um racionalismo imbecil ou uma teologia igualmente imbecil. (JUNG, 2002, p. 201).

É peculiar o entendimento divino que Jung tinha. Concebia Deus como existente dentro de cada um, lugar onde Ele deve ser procurado e encontrado, tendo-o como um paradigma que todos têm interiormente.

Não posso provar a você que Deus existe, mas meu trabalho provocou empiricamente que o ‘padrão de Deus’ existe em cada homem, e que esse padrão (*pattern*) é a maior energia transformadora de que a vida é capaz de dispor ao indivíduo. Encontre esse padrão em você mesmo e a vida será transformada. (JUNG, 2002, p. 84).

Ademais, Jesus Cristo passou esta imagem de Deus, que se pode tocar, vivenciar e experimentar até mesmo nas mazelas da vida. Kasper precisa que a mensagem de Cristo era sempre de amor e misericórdia, na vivência cotidiana. Ele não abordava de

um Deus longe, inacessível, conceituado, mas que ele mesmo revelava, mostrava, sempre no meio do povo simples (KASPER, cf. 1989, p. 46). Também em Gutiérrez se pode notar que a imagem de Deus que Jesus propagava era de defesa do sofredor, do angustiado, ou seja, a partir da vida concreta (GUTIÉRREZ, 1987, p. 43).

## **5. O processo de individuação em Jesus Cristo e um confronto com a sombra**

No processo de individuação o ser humano precisa atentar-se para aquilo que Jung define de Self, o “eu orientador”, ou seja, a necessidade de ultrapassar o mundo egóico, transcendendo-o, a fim de realizar a totalidade. A realização do Self se dá através do ego. A dimensão do Self é real também, porém, espera o momento exato para se fazer ver. O Self precisa realizar-se, caso contrário a pessoa fica a mercê da coletividade. Para tanto, segundo Jung, o ser humano precisa retornar à sua própria essência, a fim de sair do coletivo, e permitir a si mesmo tomar consciência de que é único. Tal processo Jung denominou Individuação.

Uso a palavra *individuação* para designar um processo, através do qual um ser torna-se um *individuum* psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. A *individuação* significa tender a tornar-se um ser realmente individual, na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da realização de seu si mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra *individuação* por ‘realização de si mesmo’, ‘realização do si mesmo’. (JUNG, 2006, p. 355).

Cristo fez este processo, se entregando a essa tarefa, evitando o sofrimento causado por uma “individuação reprimida”. Ele ativou alguns arquétipos que coordenaram o funcionamento da consciência. Pois bem, Jesus estava imerso no inconsciente coletivo, donde vêm tais arquétipos. Ele os tinha presente, porém, faz seu processo pessoal de individuação, ultrapassando-os, transcendendo-os. Ele buscou a força do Espírito, a fim de se impulsionar para esta missão. Congar, ao citar Heb 9,14, afirma a importância da moção do Espírito sobre Jesus, ao dizer que o Espírito de Deus estava com ele e pelo mesmo Espírito se doa (CONGAR, 1989, p. 69).

O termo arquétipo não tem por finalidade denotar uma ideia herdada, mas um modo de funcionamento psíquico herdado, ou seja, é um padrão de comportamento, que se apresenta *numinoso*, isto é, surge como uma experiência de grande importância. O

processo de individuação é coordenado pelo arquétipo central, o Self, como sendo a realização máxima de cada personalidade individual. Assim Jaffé nos explica:

Jung aplicou sua definição do processo de individuação como uma sucessão de imagens internas, descrevendo-as como a própria 'vida'. Em última análise, toda a vida é a realização de um todo, isto é, de um Self, razão por que essa realização pode também ser chamada de individuação. A individuação consiste, basicamente, em tentativas constantemente renovadas, constantemente exigidas, de combinar as imagens interiores com as imagens exteriores. (JAFFÉ, 1995, p. 79).

Jesus enfrentou o deserto, seu retiro (cf. Mt 4,1-11; Mc 12,13; Lc 4,1-13), o que Jung chama de sombras, resguardas as diferenças. Através do encontro com Ele mesmo e com os outros, Cristo pode fazer o confronto entre as demandas do Self e as necessidades do ego. Por isso, Nele houve a transformação e o crescimento. Jung diz que se tal encontro não ocorre, e as demandas do self são rejeitadas ou reprimidas, em benefício do ego ideal, surge a sombra, que representa o inconsciente pessoal (cf. WHITMONT, 2000, p. 102). A sombra é uma parte inconsciente da "personalidade reprimida", caracterizada por traços e atitudes, negativas e positivas, que o ego consciente tende a ignorar ou a rejeitar. As sombras contêm todos aqueles aspectos obscurecidos em nós, pelo nosso desejo de passar uma imagem aceitável, tanto a nós mesmos quanto aos outros. Essa necessidade de passar uma imagem aceitável é o que Jung chamou de "persona". Whitmont assere que:

Persona refere-se às máscaras do ator da Antiguidade, que eram usadas nas peças ritualísticas solenes. Jung usa o termo para caracterizar as expressões e impulso arquetípico para a adaptação à realidade exterior e a coletividade. (WHITMONT 2000, p. 140).

A persona é a máscara que adotamos para abrir nossos caminhos no mundo externo, para nos tornarmos "apropriados" a todas as tarefas ou aos nossos papéis. Podemos até acreditar que somos a tal máscara que tentamos mostrar, o que pode acontecer, quando a pessoa tem receio de não ser aceita, sendo quem realmente é, ou por simplesmente não ter identificado quem realmente é. Em Schillebeekx poder-se-ia entender que a imagem que Jesus passava era de um pregador de uma Boa Nova, uma notícia boa, que acontece aqui e agora, de que a salvação se dá desde já, no concreto de nossas vidas (SCHILLEBEEKX cf. 1981, p. 130). Mas o faz com uma grandeza de espírito magnífica, pois se mostrava com era, ou seja, humano e divino. A Escatologia

não estava, em Jesus, reservada somente para o pós-morte, mas para a terra, não obstante, esperançosamente acontecerá na Parusia final (SCHILLEBEEKX, 1981, p. 186). É o “já e ainda não”. Isso era o núcleo do anúncio jesuânico, em sua vida pública, onde ele se mostrava. Ele não anunciava a si mesmo. Kung vai dizer que “Jesus não pregou uma teoria teológica, nem uma nova lei, nem a si mesmo, mas o Reino de Deus: a causa de Deus (= vontade de Deus), que irá triunfar e que é idêntica a causa do ser humano (= bem do ser humano)” (KUNG, 1979, p. 28).

Byington ajuda a assimilar que enquanto a realização não acontece, se tem outros arquétipos para confrontar. Entre eles, o da *anima* e do *animus*, que tem relação com o equilíbrio entre os princípios masculinos e femininos (BYINGTON cf. 1987, p. 25). Em Jesus podemos ver de maneira clarividente equilibrada, por exemplo, na passagem bíblica das Bodas de Caná, uma pequena vila da Galileia, onde ele pergunta sua mãe o que tem ele com ela, bem como dizendo que sua Hora ainda não havia consumado (cf. Jo 2,1-11).

Como aborda Sanford, Jung chamou os opostos existentes no homem e na mulher de *anima* e *animus*. *Anima* significa o componente feminino numa personalidade de homem, e o *animus* designa o componente masculino numa personalidade de mulher (SANFORD cf. 1987, p. 45). Portanto, poder-se-ia definir o *animus* como o lado inconsciente masculino na personalidade da mulher. Ele personifica o princípio do logos. Por isso, queremos destacar o papel de Maria, a mãe de Jesus, que pode ser considerada a “personificação de sua *anima*” e sua importância fundamental naquele processo.

No sinal das Bodas de Caná, primeiro que Jesus realiza, há a consciência de seu princípio feminino a partir da participação ativa de sua mãe, ocorrendo, neste caso peculiar, um movimento harmonioso dentro da psique. Jesus teve uma relação ímpar com as mulheres, basta ver sua maneira confidencial em seus colóquios com Maria, da pequena aldeia de Magdala, na Galileia, companheira dele, fiel até a cruz (cf. Jo 19,25-26). Tal relação está evidenciada também nos evangelhos apócrifos de Filipe e de Maria Madalena (cf. Evangelho de Filipe 63,34-64,5).

Jesus Cristo chegou ao verdadeiro encontro com os outros e consigo mesmo, com o compromisso com a verdade, sendo fiel a seu crescimento pessoal, mesmo que isso o levasse para um caminho doloroso, ao Calvário. Seu esforço pessoal e comunitário se mostra em várias perícopes: Mc 11,15-19, expulsando os vendedores do templo; Lc 11,37-54 e Mc 12,35-40, criticando os escribas, fariseus e doutores da lei;

Mt 23,37s; Lc13,34s, criticando os poderosos de Jerusalém, que matam os profetas e lapidam os que lhe são enviados; Mt 27,46, perguntando ao Pai porque o abandonou na cruz, um momento de aparente abandono, mas que na verdade é como uma *Kenosis* do Pai, onde o Pai se esconde, se retira, se abaixa para deixar que o Filho seja gloriosamente.

Haight assevera que Jesus se encontra consigo mesmo, realizando a *heautognose*, até a morte. Ele deve ser afirmado como homem, que aos poucos vai se conhecendo enquanto divino (HAIGHT cf. 2003, p. 344). No mais, ele quis mudar a mentalidade de outros, fazendo uma metanoia com os integrantes de facções herméticas e puritanas do Judaísmo e com toda sociedade (SCHILLEBEEKX, 1981, p. 131). Seu processo foi angustioso, mas de grandes transformações. Sobrino assegura que Jesus enfrentou as questões mais subumanas, junto aos empobrecidos e, por isso, nem sempre entendido pelos seus seguidores e jamais pelos perseguidores, ou se sim, o ignoravam (SOBRINO, 2000, p. 32). Por fim, seu processo foi longo e tenso, mas necessário para chegar à glorificação, um arquétipo divino a ser considerado.

## **6. Considerações finais**

Neste ensaio procuramos nos debruçar no viés teológico da *Hipóstase*, bem como no verbete totalidade, conceitos caros nas áreas do saber cristológico e na Psicologia Analítica. Nesta vereda, tentamos unir os pares de opostos em Jesus Cristo, apontando como ele mesmo o faz, combinando tal tarefa com a União Hipostática. Pois bem, vislumbramos agora, um Jesus unificador, que totaliza as dimensões da vida. Ele não supervalorizou a natureza divina a despeito daquela humana, mas vivenciara harmonicamente. Boff explica que Jesus enfrenta a humanidade como ela é, lidando com os oprimidos, libertando-os de seus males interiores e sociais, aqueles que vivem oprimidos por sistemas opressores (cf. BOFF, 1972, p. 43).

Usufruímos da estrutura multidisciplinar, reservando lugar primordial à Psicologia e a Teologia, tendo como amparo de fundo a literatura de Carl Gustav Jung, mostrando que o psiquiatra bebe das religiões, em seus símbolos, para fazer entender a relevância da religiosidade no desenvolvimento da personalidade. Dudbrack evidencia tal convergência, a da religião com a psicologia, discorrendo como uma pode ser suporte para a outra, numa ajuda mútua e sincera, ou seja, respeitando suas particularidades (DUDBRACK cf. 2001, p. 35).

Averiguamos a individuação dada na pessoa de Cristo Jesus, quando ele enfrenta os dilemas, e não fugindo em sua divindade. Mostramos ainda a simbologia que Jesus é, quando ele é visto como símbolo concreto de Deus, sendo ele divino. O lugar do simbólico neste ensaio foi de realce, evidenciando como ele é importante para o crescimento pessoal. Nas religiões esta dimensão salta aos olhos, onde os gestos, as ações e até mesmo as palavras são repletas de significados alegóricos. A Santa Missa, como retrata Jung, é plena de símbolos, onde há uma transformação (transubstanciação) simbólica e real para os crentes, quando ele memoriza a Última Ceia (cf. JUNG, 2011, p. 42). Também, como na alquimia medieval, o ser humano deve transformar o material bruto num mais refinado, individuando-se, polindo-se (cf. JUNG, 2011, p. 42).

Enfatizamos o “papel” que Deus, segundo o psiquiatra em questão, deve ter na vida das pessoas. Ele é uma experiência, antes de ser objeto de estudo.

A educação cristã fez o humanamente possível, mas não bastou. Poucos experimentaram a imagem divina como a qualidade mais íntima da própria alma. Apenas travaram conhecimento com um Cristo exterior, e nunca a partir do íntimo de sua alma; este é o motivo pelo qual dentro dela reina ainda o mais obscuro paganismo. E é o paganismo que inunda a chamada cultura cristã, ora com indisfarçável clareza, ora sob um disfarce gasto que não convence a ninguém. (JUNG, 1986, p. 95).

Enfim, para levar a termo nosso estudo, nos permitimos ser auxiliados pela Totalidade junguiana, assimilando que o Homem-Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Pessoa divina, Jesus Cristo, conseguiu fazer o processo, graças sua Kenosis dada na União Hipostática, onde Deus se desnuda de sua imensidão e se dá a conhecer, na auto revelação que faz no Filho, o Verbo Eterno do Pai, sendo homem, sem contudo, deixar de ser Deus mesmo.

## **Referências**

- BOFF, L. *Jesus Cristo libertador: Ensaio de Cristologia Crítica para nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BULTMANN, R. K. *Jesus Cristo e Mitologia*. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.
- BYINGTON, C. *Desenvolvimento da personalidade. Símbolos e arquétipos*. São Paulo: Ática, 1987.
- CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CUCCI, G. SJ. Il simbolo in Psicanalisi. Il contributo di Jung. *Civiltà Cattolica* (2011), n. 3875, pp. 424-530.



- DELL'OSSO, C. *Cristo e Logos. Il Calcedonismo del VI Secolo in Oriente*. Roma: Studia Ephemeridis Augustinianum, 2012.
- DOURLEY, J. *A psique como sacramento: C. G. Jung e P. Tillich*. São Paulo: Paulinas, 1985
- DUDBRACK, J. *Experiência Religiosa e Psique Humana: Onde a Religião e a Psicologia se encontram*. São Paulo: Loyola, 2001.
- DUPUIS, J. *Introdução a Cristologia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- EDINGER, E. F. *A Psique na Antiguidade. Gnosticismo e Primórdios da Cristandade*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- FERRI, R. *Gesù e la verità. Agostino e Tommaso interpreti del Vangelo di Giovanni*. Roma: Città Nuova, 2007.
- FRAAS, H. J. *A religiosidade humana: Compêndio de Psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1997.
- FRANGIOTTI, R. *História das heresias (Sécs. I-VII)*. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRANZ, M. L. V. *C. G. Jung: seu mito em nossa época*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- GIUNCHEDI, F. Carl Gustav Jung. Aspetti psicologici dell'uomo religioso. *Civiltà Cattolica*, CXXXII (1981), pp. 250-266.
- GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente. Uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HAIGHT, R. *Jesus símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo, Símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Cultrix, 1994.
- JAFFÉ, A. *O mito do significado. Na obra de Jung*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- JULIEN, P. *A psicanálise do religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- JUNG, C. G. *Cartas de C. G. Jung. 1946-1955. Vol. II*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Compilação e prefácio de Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Símbolo da transformação na missa*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KASPER, W. *Il Dios di Jesucristo*. Salamanca: Sigueme, 1989.
- KUNG, H. *Cristianesimo*. Milano: Rizzoli, 1994.
- MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PROENÇA, E. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia. Vol. 2*. São Paulo: Fonte Editorial, 2002.
- RAHNER, K. *Teologia dall'esperienza dello Spirito*. Roma: Paoline, 1978.
- RATZINGER, J. *Gesù di Nazaret*. Città del Vaticano: Rizzoli, 2007.
- RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- SANFORD, J. A. *Os Parceiros Invisíveis*. São Paulo: Paulus, 1987.
- SCHILLEBEEKX, E. *Jesus: la historia de um vivente*. Madrid: Ediciones cristiandad, 1981.
- SCHNACKENBURG, R. *La persona di Gesù Cristo nei quattro vangeli*. Brescia: Paideia, 1995.
- SILVEIRA, N. *Jung, Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WHITMONT, E. C. *A busca Do Símbolo. Conceitos Básicos De Psicologia Analítica.* São Paulo: Cultrix, 2000.